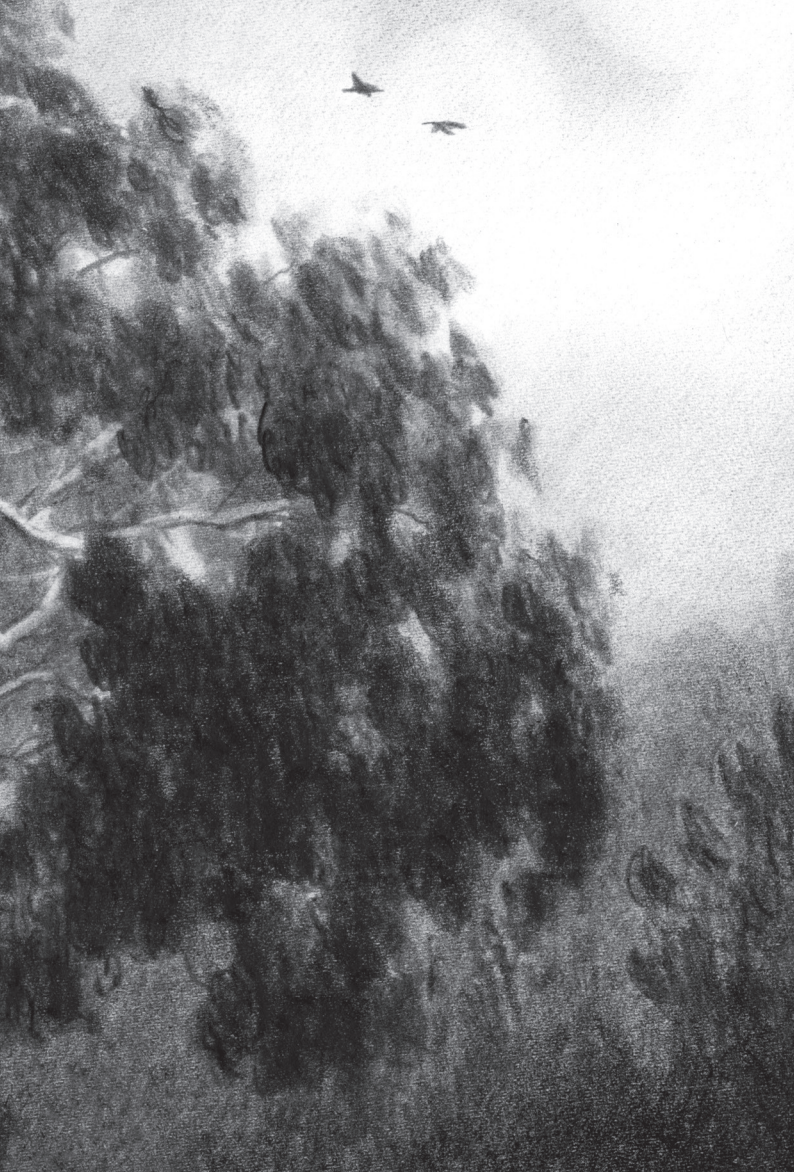


PARTE I





COMEÇO

ERA UMA VEZ duas irmãs. Que então era só uma, eu. Nosso nome é Sofia, mas poderia ser outro. Algum que seja bom de falar. *Papoula, ginkgo biloba, bis-na-gui-nha*. Bisnaguinha. Pode ser. Estamos prestes a começar uma grande aventura, muito longe e sem carro, quando Sofia, ou bisnaguinha, era criança. Sofia é um nome bom de falar. É assim, afinal, que ouço quando colo o ouvido no espelho. Nós, nossos ouvidos. Sofia mora numa casa amarelada em frente a uma grande árvore de cor que a memória não gravou. Indefinida. Está sempre sozinha, na companhia de si mesma e de tudo o que flutua no ar sem ser visto, em cima e em volta de nós. Sofia passa os dias conversando com as próprias ideias, braços balançando ao redor e o nariz o tempo todo no meio do rosto; os olhos no chão.

Sua atividade preferida é fugir de casa. Um dia, fugiu infinitamente até o quintal e descobriu que algumas partes do tronco da grande árvore tinham amadurecido em excesso, estavam ressecadas e fofas demais. Arrancou pedaços do tronco com as mãos enquanto se perguntava se tudo na natureza — maçãs, pessoas, ideias — tende para o isopor. Perguntas: um cérebro se movimentando, indo em direção a algo. Indo, indo: guiado pelas verdades gerais, sem saber que eles estão ali: os ajudantes: o segredo que move o que se move.

Foi no coração do tronco, pleno envelhecimento, que Sofia conseguiu cavar um vão grande o bastante para entrar. Coube ela e mais nada, nem tudo isso que está aqui, nem a sensação de se desfazer no ar. A árvore continuava viva, morna — morna e viva e preenchida por alguém que pensa, como a maioria das... coisas.

Quando Sofia entrava naquele vão da árvore madura, o rosto dela se iluminava. Observava o mundo inteiro que existe (sempre, sempre existe!) do lado de fora, os olhos bem abertos e brilhando de tanto olhar e gostar de olhar.

Os animais que passavam por ali achavam que aquela era uma árvore muito simpática, e davam meia pirueta de bicho porque naquele instante se sentiam contentes. Para Sofia, a sensação de contentar os outros era muito boa, elétrica. Ali decidiu: sua atividade preferida seria fugir de casa e entrar na árvore. Assim, ela podia deixar de ser uma pessoa e começar a virar um mistério. Indefinida.

Fugir de casa é muito bom, porque você arruma uma mochila e nunca mais volta e deixa tudo para trás. Nessa mochila tem: todos os segredos que importam no mundo. Por exemplo: o segredo dos gigantes. O segredo é que são os gigantes que deixam marcas de sapato no cimento das calçadas. Só eles são pesados o bastante para marcar o cimento, mas têm pés pequenos, do tamanho dos nossos. Ninguém nunca os viu, eles só saem à noite porque têm vergonha dos pés. Outro segredo: todas as palavras com mais de três sílabas são bonitas, porque podem significar qualquer coisa no mundo.



PRIMEIRO EPISÓDIO: O ESCONDERIJO E O TÉDIO

QUANDO SOFIA SE ESCONDEU dentro da árvore pela primeira vez, ninguém soube onde ela tinha ido parar. Todos ficaram desesperados, sua mãe ficou mais. As mães se fazem assim: primeiro nasce o filho, depois a p-r-e-o-c-u-p-a-ç-ã-o (melhor não falar, para não acordar os bebês).

Aquele dia foi ótimo, Sofia conversou com as minhocas. As minhocas são parecidas conosco, têm muita dificuldade de se descolar do chão.

No dia seguinte, ela tinha mais alguns segredos acumulados, guardou-os na mochila. Forçada todos os dias a ir à escola, horrorosa escola, pintada com cor de sorvete. Borboletas de manteiga voando do lado de fora da janela, e ela ainda ali. Tédio sobre tédio sobre tédio.

Seus segredos ficaram guardados, desassistidos, a escola ensinando-a a deitar as horas uma em cima da outra e só, um enorme sanduíche de tempo desperdiçado.

Sanduíche, Sofia parada olhando para ele. Mole, como ela era mole. Sem saber o que fazer com os próprios braços — se os amarrava à frente ou os deixava balançando ao lado do corpo ou se valeria a pena todo o esforço de dobrar os cotovelos. E, depois que se resolvesse a questão dos braços, o que fazer com a quantidade de tempo que tinha nas mãos?

Nos momentos em que Sofia saía do tédio e voltava para casa, só conseguia falar com mui-

to vibrato, para que cada sílaba ressoasse com a onda do seu sofrimento. Sofrimento! Infância afogada.

